SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.1590/0102-469847865

DO LUGAR DAS CIÊNCIAS HUMANAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA AOS LUGARES DO CORPO NO CONTEMPORÂNEO: ENTRE SER E TER

Thiago Borges

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

Submetido em: 2023-07-24
Postado em: 2023-08-04 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

ARTIGO

DO LUGAR DAS CIÊNCIAS HUMANAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA AOS LUGARES DO CORPO NO CONTEMPORÂNEO: ENTRE SER E TER

THIAGO FERREIRA DE BORGES[1]
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8165-4633
tfborges@hotmail.com

[1] Doutor. UFMG. Belo Horizonte, MG, Brasil.

RESUMO: Pretendo esboçar, nestas reflexões, uma relação entre o lugar das Ciências Humanas na formação de professores de Educação Física no Brasil e algumas impressões sobre corpos e subjetividades no contemporâneo. No primeiro momento, faço uma observação de caráter histórico e epistemológico, constituindo intepretações e sentidos entre situações do presente, ocorrências do passado e alguns elementos estruturais, para compreensão e localização das ciências na realidade social, especificamente, da Educação Física brasileira. No segundo, apresento algumas formulações a partir das minhas pesquisas e estudos nos últimos anos, sobretudo, detendo-me em um problema que indico como a questão entre ser e ter um corpo. Neste momento, recorro especialmente a psicanálise de orientação lacaniana. O aspecto ensaístico e, de certa maneira, provisório de algumas ideias e articulações do texto, reflete uma filiação formal ou ao menos uma consideração por lições e noções importantes de Theodor. W. Adorno, como a compreensão do que seja a filosofia e o pensamento.

Palavras-chave: educação física, ciências humanas, corpo.

FROM HUMAN SCIENCES PLACE IN PHYSICAL EDUCATION TO PALCES OF BODY ON CONTEMPORARY: BETWEEN BEING AND HAVE

ABSTRACT: I aim to sketch in this reflections a relationship between the Human Sciences place in Physical Education teacher trainning in Brazil, and some impresssions about bodies and subjectivities on contemporarity. At first moment, I make historical and epistemological remarks, constituting interpretations and meanings, between present situations, past occurrences and some structural elements, for understanding and position of sciences in the social reality, specifically, to brazilian Physical Education. At second moment, I will present some formulations from my recent researches and studies, above all, the problem of being and have a body. At this moment, I resort especially to lacanian psychoanalysis. The ensaistic aspect and provisonal of some ideas here, reflects a formal affiliation and regard about Theodor. W. Adorno's important lessons and notions, how the understanding about Philosophy and thought.

Keywords: physical education, human sciences, body.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

DEL LUGAR DE LAS CIENCIAS HUMANAS EN LA EDUCACIÓN FISICA A LOS LUGARES DEL CUERPO EN EL MUNDO CONTEMPORÁNEO: ENTRE EL SER Y EL TENER

RESUMEN: Pretendo esbozar, en estas reflexiones, una relación entre el lugar de las Ciencias Humanas en la formación de professores de Educación Fisica en Brasil y algunas impresiones sobre cuerpo y subjetividades en el mundo contemporâneo. En un primer momento, realizo una observación histórica y epistemológica, constituyendo interpretaciones y significados entre situaciones presentes, hechos pasados y algunos elementos estructurales, para la comprensíon y ubicación de las ciencias en la realidad social, especificamente, de la Educación Fisica brasileña. En la segunda, presento algunas formulaciones basados en mis investigaciones y estudios de los últimos años, centrándome especialmente en un problema que señalo como la cuestión entre ser y tener un cuerpo. En este momento hago un uso especial del psicoanálisis de orientación lacaniana. El aspecto ensayístico y, en cierto modo, provisional de algunas ideas y articulaciones del texto, refleja una filiación formal o al menos una consideración por importantes lecciones y nociones de Theodor. W. Adorno, como la comprensión de lo que és la filosofia y el pensamiento.

Palabras clave: educación fisica, ciencias humanas, cuerpo.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento pedagógico de viés crítico com toda a sua pluralidade de posições marcou uma nova era para a Educação Física – EF escolar brasileira a partir do final dos anos de 1980, confirmada pela proliferação de estudos, a presença bibliográfica em concursos e a reconfiguração de grades curriculares na formação inicial.

De fato, a EF brasileira, pensada como área complexa de formações, pesquisas, atuações e intervenções mais ou menos pedagógicas em torno do corpo e suas práticas, por meio de diferentes matrizes epistêmicas, técnicas e tecnológicas, produziu para si uma ampliação acadêmica e científica extremamente rica e oportuna. Ocorreu, efetivamente, que as Ciências Humanas - CH na EF brasileira ocuparam um "espaço vazio" que, naturalmente, não poderia ser preenchido pelas ciências do treinamento ou pela fisiologia do exercício, ou mesmo por formulações filosóficas, históricas e pedagógicas anteriores, em função da natureza dos problemas e desafios que, cedo ou tarde, como questões propriamente humanas no âmbito da educação, apareceriam com seu recorte específico para o espaço da EF.

Assim, a EF brasileira pôde efetivamente lidar de forma crítica e talvez mais aprofundada com problemas pedagógicos e didáticos (KUNZ, 2004), históricos (SOARES, 2001; LINHALES, 2009), sociológicos (BETTI 1998; BRACHT 2005), antropológicos (DAOLIO 1995; 2004), dentre tantas produções dessa(es) autoras(es) e de outras(os).

A presença mais substancial das CH no espaço acadêmico e pedagógico da EF ampliou de maneira considerável as percepções e entendimentos sobre o corpo e suas práticas. De certa forma, tem convocado a EF e seus partícipes aos debates e ações mais atuais sobre as corporalidades de indivíduos e grupos sociais na condição de sujeitos políticos e seus corpos.

Neste artigo[1], reflito, em um primeiro momento, acerca da presença das CH no campo da EF brasileira com observações predominantemente epistêmicas. Em um segundo momento, abordo questões relativas ao corpo na contemporaneidade, especialmente o que denominei outrora do problema entre *ser* e *ter* um corpo. Para tanto, recorro especialmente a algumas ideais do filósofo Theodor W. Adorno e, também, a teoria psicanalítica de orientação lacaniana.

[1] Este artigo foi desenvolvido a partir de uma palestra ministrada no IX Seminário do PROEFE e XI Seminário do CEMEF, "A formação docente em educação física: o lugar das humanidades", 25 e 26 de Junho, 2 e 3 de Julho de 2021.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

EDUCAÇÃO FÍSICA E AS CIÊNCIAS (HUMANAS)

Dentro da realidade social efetiva da EF, encontramos disputas às vezes mais, às vezes menos institucionalizadas, pela hegemonia de narrativas, interpretações, produções e atuações. Embates chegaram a produzir - e acredito que ainda produzam – em muitos casos, equívocos de compreensão no âmbito epistêmico/prático, com a possibilidade de desconsideração e ou desconhecimento de determinado problema, por se ter como referência e privilegiar na formação, de fato, apenas um campo teórico específico. Um exemplo, pode ser a dificuldade ou mesmo incapacidade de reconhecimento de problemas éticos, políticos ou sociais em função da ausência de estudos e referências que instrumentalizem professoras(es) para esse reconhecimento.

Situações como essa, é a impressão que tenho na área da EF, por vezes parecem advir de noções superficiais ou pouco refletidas acerca do que sejam as verdades que habitam a prática e o conhecimento científico em suas relações com as realidades sociais em vários níveis. Ao mesmo tempo, as diferenças e ou dificuldades de compreensão científica não revelam somente problemas técnicos e didáticos específicos, mas também se articulam quase sempre com posicionamentos políticos e éticos. Separar rigidamente epistemologia e política seria tão suspeito quanto é ingênuo não conseguir demarcar com alguma precisão as diferenças e características próprias de cada uma. O conhecimento não poderia figurar no espaço social, na concretude das relações cotidianas, totalmente abstraído da esfera da normatividade, da moral e da política.

Uma parte dessa situação, pode ser caracterizada em termos da relação entre teoria e prática (BRACHT, CAPARROZ, 2007). Por exemplo, uma forte inclinação à instrumentalização e uma crença na aplicabilidade total do conhecimento dentro da prática profissional. O problema da efetividade de uma teoria na realidade ou uma perspectiva em que a verdade de uma teoria ou orientação didática se verificaria pela positividade da resposta obtida ou pelo alinhamento da resposta ao que se tenha proposto e esperado previamente – a verdade como sinônimo de utilidade, de identidade entre teoria/conceito e objeto/realidade -, pode indicar um desconhecimento de especificidades dos objetos didáticos ou de pesquisa com os quais lidamos, ou ainda, a ignorância acerca do espaço de indeterminação entre teoria e prática, cuja impossibilidade de identidade completa entre ambas não inviabiliza o conhecimento da realidade, mas sim exige a reconfiguração desidealizada e eticamente diferente da interpretação e da ação.

Com isso, não viso a um tipo de "purismo no pensamento", relativo aos objetos pensados, mas às peculiaridades próprias aos objetos, suas diferenças determinantes para a invenção de áreas distintas como respostas às necessidades que se impõem ao desejo de conhecer e saber sobre algo. Se as diferenças entre as coisas no mundo resistem, até certo ponto, a movimentos unificadores, seja de pensamentos ou de métodos, tampouco está sugerido uma separação total de identidades e princípios no que concerne às formas de intepretação e intervenção.

Ao mesmo tempo, não se pode desconsiderar o risco de construirmos imaginariamente, a partir de um mosaico de disciplinas distintas, uma visão totalizadora e idealizada para área, como se uma suposta harmonia das especialidades pudesse resolver o fluxo incessante de problemas concretos e, por vezes, singulares, que desafiam cotidianamente a prática de professores e professoras. Penso que compreender e demarcar corretamente as diferenças e âmbitos epistemológicos na pesquisa e atuação em EF pode contribuir para modular possíveis excessos nas tensões entre posições ideológicas na atuação profissional.

Assim, aquele "espaço vazio", de significação e de normatividade de que falava, atualizou a constante dinâmica de retroalimentação entre indivíduo e sociedade, ou seja, entre instituições e o todo social, entre uma dada prática e seus contextos. Lembremos que nos primórdios dos métodos ginásticos, a ciência que os fundamentava era socialmente incorporada em uma intricada relação entre o discurso moral-pedagógico e o médico-pedagógico (BRACHT 1999; SOARES 2001). Não se trata apenas de uma idiossincrasia da EF, mas da condição histórica da relação entre o conhecimento científico e as realidades sociais em cada época. Por exemplo, o conteúdo científico da chamada *scientia sexualis*, nos termos de Michel Foucault, contemporânea da ginástica científica, também navegava por um discurso situado além de seus conhecimentos teóricos e práticos possíveis para o século XIX.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

> Quando se comparam tais discursos sobre a sexualidade humana com o nível, na mesma época, da fisiologia da reprodução animal ou vegetal, a defasagem é surpreendente. Seu fraco teor, e nem mesmo falo de cientificidade, mas de racionalidade elementar, coloca-nos à parte na história dos conhecimentos. (FOUCAULT, 1988, p.54)

Foi o destino até aqui, de algumas áreas das ciências modernas no Ocidente, funcionar socialmente, às vezes mais como discurso normativo do que propriamente como prática fundamentada. Igualmente parte desse destino foi o desenvolvimento assimétrico na comparação entre as áreas, mesmo aquelas posteriormente agrupadas, seja como Ciências da Natureza - CN ou CH e sociais e, ainda, mesmo dentro de um segmento específico, como a medicina. Vejamos o que o Psiquiatra e Psicanalista Sérgio de Campos comenta a respeito:

> No início do século XX, porém, enquanto a medicina concluía seu ingresso na era científica em sólidas bases biológicas, o mesmo não ocorria com a psiquiatria (BERCHERIE, 1989). Sua inserção no método anatomoclínico era discreta. E, dada à natureza de seu objeto, a medicina (sic) se constituiu como disciplina híbrida (ALONSO-FERNÁNDEZ, 1979, P.12) reunindo, de um lado, subsídios da medicina e, de outro, conforme a escola, contribuições da fenomenologia husserliana, do existencialismo heideggeriano ou da psicanálise freudiana, contribuições destinadas ao estudo da subjetividade dos pacientes. (CAMPOS, 2013, p.76)

Entendo que essa assimetria tem relação com a "natureza" dos objetos de cada disciplina científica. Os objetos e suas especificidades materiais, históricas, conceituais, determinam, em tese, o percurso igualmente histórico e cultural de seus métodos e dos conhecimentos e inserções sociais dos mesmos. Pensando com Adorno, os objetos devem ter primazia no processo de produção de conhecimento, já que, por princípio, constituem o *telos* da atividade científica. Busca-se, ao final de cada investigação, estudo, pesquisa, um saber novo sobre o objeto em questão. Sobretudo para a Sociologia, mas não somente, "O decisivo é não dispor o método de modo absoluto em oposição ao seu assunto, mas sim situá-lo em relação viva com esse objeto e desenvolvê-lo tanto quanto possível a partir desse objeto". (ADORNO, 2008, p.184)

De alguma maneira, há aqui um resquício de saber aristotélico se pensarmos a diferença entre meios e fins no contexto prático das ciências. Diferença que, na condição da universalidade dos conceitos referidos, exigiria irrevogavelmente, em cada situação particular de pesquisa, uma simbiose em que a preponderância ética dos fins não autoriza para cada fim determinado, qualquer meio, mas ao contrário, um procedimento que lhe seja íntimo, mimeticamente próximo. Ainda, a posição ética e gnosiológica específica dos fins desautorizaria inversões de lugar e importância relativa (HORKHEIMER, 2004).

A ampliação e a diversificação crescentes das ciências impõem ao pensamento, além da observação crítica e eticamente engajada, a necessidade de uma atenção detalhista no nível das estruturas de funcionamento, para que também se possa apreender as especificidades, interna e externa de seus saberes e práticas, quando avaliados em suas inserções sociais.

A proliferação de novos objetos, questões e problemas colocou limites a visões naturalistas e moralistas na EF. Isso não quer dizer que os limites a que me refiro seja amplamente reconhecido e compreendido. Ao contrário, disputas no campo ético-moral e ideológico incluindo evidentemente questões de mercado são decisivas na conformação dos discursos científicos da área.

A reconsideração crítica das bases biológicas fez-se necessária e só poderia acontecer através de disciplinas que constituíram suas especificidades justamente em outra esfera de interpretação. Essa reconsideração passou e ainda passa por reconfigurações de objetos, problemas e teorias e, não obstante, faz parte, ou ao menos deveria fazer, de toda área de conhecimento que se esforça em produzir um debate contínuo e reflexivo com a realidade e o espírito do tempo em que se encontra.

Ao mesmo tempo, tendo como referência o conhecimento científico e sua produção, no que concerne as relações entre EF e sociedade, encontramos na área a continua reatualização dos discursos, conforme tendências sociais maiores ou externas e talvez isso fique mais evidente no registro das ciências duras ou laboratoriais, como o interesse crescente nas neurociências. Do ponto de vista da formação inicial, creio que essa tendência se expressou também com a divisão de entradas na graduação, e o

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

aumento da procura pelo bacharelado, sem desconsiderar, evidentemente, os problemas inerentes ao campo das licenciaturas em geral e que neste espaço não é possível aprofundar.

Em parte, o crescimento dos bacharelados remete tanto à histórica vinculação da EF ao discurso médico-pedagógico quanto, mais recentemente, à força do avanço científico sobre o organismo e suas funções. Sabe-se, por vivência acadêmica de muitas(os), que há em boa parte do campo da EF e dos esportes, um desprezo reatualizado do conhecimento vinculado às CH, talvez maior do que um esforço de reconhecimento epistemológico do lugar na realidade social desse conhecimento e dos saberes a ele relacionados.

Considerando, portanto, as condições (de tensão) das CH no campo da EF brasileira, tratarei de refletir um pouco sobre o corpo a partir de então.

EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO, SER E TER

Penso que o conceito de corpo e aquilo a que ele se refere pertence mais ao campo das CH do que propriamente das CN/laboratoriais. O corpo humano das aulas de biologia é o organismo dividido em anatomia e fisiologia. Na EF brasileira, foi com a noção de cultura corporal de movimento, bem como com a de práticas corporais, que avançamos para além da lida quase que exclusiva com o organismo na atividade física.

> cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? Em princípio qualquer um, desde que cultura, ou seja, desde que coloque o peso maior nesse conceito. Com isso, quero, na verdade, dizer que o conceito o qual no meu entendimento indica uma construção nova de nosso "objeto", é o de cultura. É ele que melhor expressa a ressignificação mais importante e a necessária desnaturalização do nosso objeto e que melhor reflete a sua contextualização sócio-histórica. (BRACHT, 2006, p.97)

Nesse reposicionamento crítico do orgânico e da fisiologia, ou nessa "desnaturalização" do objeto da EF, para dizer como Valter Bracht, encontramos um espaço privilegiado e decisivo para investigar e refletir sobre nossas relações com nosso corpo, tema multidisciplinar e atual, cuja importância para a EF não reside somente naquilo que poderíamos circunscrever ao seu universo de atuação isoladamente, mas como suas especificidades interagem irremediavelmente com determinações sociais que envolvem outras áreas, instituições e produções.

Se as professoras e professores de EF querem estar à altura das questões e problemas do nosso tempo em relação ao corpo e suas práticas, precisam estar atentas(os), não somente às atualizações científicas em genética, neurociências e fisiologia. Escutar o que as CH têm dito sobre o corpo é crucial para uma compreensão alargada das realidades efetivamente vividas com esse corpo; realidades essas que serão sempre históricas e sociais, ou seja, políticas, éticas, estéticas, psicológicas. Se observarmos a questão pelo viés de históricas dualidades, como alma/espírito e corpo, cultura e natureza, podemos acompanhar Ana Márcia Silva quando diz que,

> considerando que o corpo se mostra situado na interconexão entre cultura e natureza, entre o biológico e o social, segundo algumas dualidades modernas, sendo integralmente de ambos os domínios. Essa condição de híbrido não é apenas do corpo e, talvez, sequer seja possível achar algo que não seja, inclusive em função do contexto de várias ordens de globalização e mundialização que vivemos. (SILVA, 2006, p.75)

Mas se ainda sim insistirmos em compreender o corpo unicamente pelo espectro das ciências da natureza e laboratoriais, e quisermos atuar socialmente sempre e somente nessa perspectiva poderemos surpreendermo-nos com consequências e problemas ético-morais, frutos da hipóstase e da abstração epistemológica realizada em relação à dimensão social mais ampla. De fato, a própria tentativa de separação deveria ser compreendida como uma ação política e ética e não somente técnica ou epistêmica. "Ou seja, não há nada, mas nada mesmo, sob o sol que, por ser mediado pela inteligência humana e pelo pensamento humano, não seja ao mesmo tempo também mediado socialmente (...) isso vale também para as ciências naturais e a técnica." (ADORNO, 2008, p.72).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

Proponho, a partir de então, que pensemos um pouco em uma questão que tem me acompanhado nos últimos anos. Trata-se de um problema que está presente, em minha avaliação, em outras discussões importantes que envolvem o corpo, seja em uma reflexão sobre pedagogia e práticas corporais na EF, seja pensando em questões relativas à cultura e identidades, para ficarmos em dois exemplos importantes. Refiro-me ao que chamarei aqui de dialética entre ser e ter um corpo. Partamos de um trecho de Silva:

> a complexidade temática do corpo implica, também no reconhecimento de sua dupla proximidade conosco, dado que somos corpo e não podemos falar de fora do corpo, tal como não se pode falar de fora da história; e dado que trabalhamos com o corpo, não só produzindo conhecimentos sobre ele, como organizando intervenções sociais a partir das práticas corporais. (SILVA, 2006, p.75 – Grifos meus)

Para a acompanhar a autora, posso radicalizar a questão do ser na constatação elementar diante da morte. Deixamos de existir materialmente quando as funções vitais do corpo/organismo cessam. Por outro lado, radicalizo a questão do *ter* ao notar como na nossa comunicação ordinária usamos com muita frequência pronomes possessivos para fazermos referência ao corpo e suas partes em diversas situações. No trecho acima, o "trabalhar com o corpo" é justamente o modo como a autora escolheu para se referir ao fato de que não somente somos, mas também temos o nosso corpo; marca de uma separação, uma diferença, na relação entre aquele que *é alguém que trabalha com alguma coisa de que ele se difere*. Paramos, então, por aqui? Por exemplo, na afirmação de que somos e temos um corpo ao mesmo tempo?

A questão é, justamente, nessa consideração, identificar, analisar, correlacionar, avaliar e talvez transformar os efeitos individuais e coletivos, subjetivos e sociais, das ocorrências e experiências históricas dessa condição propriamente humana.

Observando dentro e também fora da EF, tenho a impressão de que todas as vezes que imaginamos e atuamos, ora demasiadamente na crença de que somos nosso corpo, ora ao contrário, de que temos o corpo, incorreu-se em problemas, às vezes mais, às vezes menos graves.

Não me parece, por nenhum vértice de análise, que possamos escolher uma questão simples, em que poderíamos, por exemplo, separar por completo na reflexão, momentos objetivos em que se é ou se tem um corpo, das impressões subjetivas, das ideias e da imaginação a respeito. Assim como também parece difícil que as consequências práticas e concretas sobre o corpo, a partir de ações que se pautam em noções mais ou menos conscientes sobre ser ou tê-lo, acompanhem simetricamente essas possíveis oscilações de percepção.

Advertidos disso, podemos, assim, tentar demarcar tanto individualmente quanto coletivamente, no sentido de uma perspectiva moral, pedagógica etc., nos planos das representações e dos sentidos que orientam determinadas escolhas, os momentos de ter e ser e, então, refletir e avaliá-los criticamente.

Ao que parece, tratar o corpo como algo que se possui, "coisa morta, *corpus*", como disseram Horkheimer e Adorno nos anos de 1940, foi um traço decisivo da cultura ocidental em sentido amplo, e isso continua significando tanto as benesses incontestáveis do progresso da ciência, como igualmente, de forma inconteste, a barbárie e a violência coletiva e individual. É importante notar, portanto, que na hipóstase do corpo como coisa que se possui e os problemas advindos disso, temos uma situação mais bem descrita em termos sociais; é o corpo do outro que está sob meu julgo, meu domínio, mesmo que momentaneamente. Vale destacar, ainda, que esse objeto-corpo, mais ou menos forçosamente alienado do indivíduo, assumiu, em momentos importantes da história ocidental, o lugar reificado da força de trabalho, do objeto de prazer, do organismo treinável e disciplinado.

Por outro lado, a mania de ser o corpo próprio, não menos presente na história, levada às últimas consequências, nos fez reconhecer, por exemplo, a partir daquilo que um conceito como o de narcisismo pôde nos ensinar, em um nível mais problemático, que imaginar que se é o corpo que sem tem, identificar-se rigidamente com a imagem desse corpo, por vezes resulta em problemas para o indivíduo. Para Sigmund Freud (2010; 2011a; 2011b), há um aspecto do conceito de narcisismo e de sua experiência intimamente ligados à condição psicótica. Com todo o cuidado que a menção à Freud e ao lugar do narcisismo em sua teoria requerem, quero destacar apenas um tipo de "excesso" que pode

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

circunscrever a relação com o corpo e sua imagem, ou seja, sem nenhum objetivo de rotular com as categorias psicanalíticas os exemplos e situações que evoco na sequência do texto. Logo no início de "Introdução ao narcisismo" encontramos uma relação entre o conceito de narcisismo e as reflexões sobre a libido nas neuroses e nas psicoses. Trata-se ali de uma questão de grau, ou seja, do montante de libido retirada da realidade objetiva e dirigida ao Eu, mas, seguindo Freud, sem um correlato subjetivo como nas neuroses, em que o sujeito mantém com a realidade externa, certos laços mediados imaginariamente. O excesso e hipóstase de libido dirigida ao Eu então seriam características do narcisismo na parafrenia. Trata-se, no caso, de um *eu-imagem-corpo* condensador de libido.

Assim, se por um lado, há problemas no *corpo-objeto-coisificado*, e podemos recordar das observações sobre treinamento esportivo feitas por Alexandre F. Vaz (1999) a partir da teoria crítica de Horkheimer e Adorno, naquilo em que o treinamento corporal reproduz a violência da dominação imemorial da natureza, por outro, penso, por exemplo, nos diversos casos, em noticiários, de mulheres que perderam a vida em procedimentos estéticos arriscados, muitas vezes sem o devido preparo[2]. É como se a intervenção direta no corpo fosse fundamental para se "corrigir a existência" do sujeito diante de si mesmo.

Ao retomarmos a passagem do texto de Silva, com a qual começamos, vê-se que ela nos ajuda a precisar um ponto importante nessa análise: o fato radical de que nossa existência está atrelada ao corpo, de onde se tem um flanco aberto para as discussões sobre finitude, não significa de imediato que a produção de uma identidade total com o corpo que se tem já esteja dada de antemão: ela é, ao contrário, uma produção do sujeito, no nível de suas formações subjetivas mais íntimas. Portanto, talvez seja um erro repetido com frequência confundir nossa existência orgânica, física, com nossa "existência ontológica", com as subjetivações fundamentais de toda a vida humana. Ocorre que, tampouco, as duas coisas estejam, por outro lado, totalmente separadas.

Mário Fleig (2004) lembra-nos, a partir da perspectiva psicanalítica, que todo sofrimento é, essencialmente, psíquico. É que todo sofrimento mental carrega algo de corporal e, por sua vez, o corporal aqui não é reduzido à localização de problemas neuro-fisiológicos, mas naquilo que a imagem do corpo, sua materialidade percebida e sentida constitui-se, na presença inalienável da linguagem. Mesmo em ocorrências patológicas neuro-fisiológicas, temos o corpóreo que se apresenta ao sofrimento com as marcas de um imaginário e de uma significação.

Adorno (2009), por sua vez, indicará, em um outro contexto teórico e argumentativo, o caráter essencialmente físico[3] do sofrimento, da dor. O filósofo de Frankfurt argumenta em direção a uma correção dialética sobre as identidades de corpo e espírito. O corporal e o espiritual, para Adorno, são diferentes, mas não separados; aparentados, mas não se confundem. A história da separação do espiritual em relação ao corporal será progressivamente também a história do domínio e do excesso do primeiro em relação ao último.

> A controvérsia sobre a prioridade do espírito ou do corpo procede de maneira pré-dialética (...). Os dois, corpo e espírito, são abstrações de sua experiência; sua diferença radical é algo posto. Essa diferença reflete a "autoconsciência" historicamente conquistada do espírito e o seu desprendimento daquilo que ele nega por causa de sua própria identidade. Todo espiritual é impulso corporal modificado e uma tal modificação, a transformação qualitativa naquilo que não é meramente (ADORNO, 2009, p.172)

É contra isto, portanto, que argumentou o filósofo: contra a ideia das identidades puras cristalizadas; também contra o empuxo e a vontade de unidade ou da redução de um domínio ao outro. Em cada um desses casos, habitou, e talvez ainda habite, um signo de violência.

---

[2] Advertidos que devemos estar acerca das condições histórico-sociais de coisificação dos corpos das mulheres.

[3] "Toda dor e negatividade, motor do pensamento dialético, se mostram como figura multiplamente mediatizada e, por vezes, irreconhecível, do elemento físico" (ADORNO, 2009, p.173).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

Ainda, sobre ser e ter...

Considerando a obra de Adorno e, especialmente, as reflexões sobre o corpo, propus recentemente, no contexto de uma "dialética ontológica negativa" com o espírito, que, por seu turno, rememora outra relação complexa, qual seja, aquela entre história e natureza, a hipótese de que poderíamos nos beneficiar em termos de leitura crítica e compreensiva da realidade sobre o corpo, trazendo à conversa dois outros conceitos importantes para o frankfurtiano: sujeito e objeto[4].

O que tenho sugerido é que, considerando o modo como Adorno pensou a relação entre esses conceitos, o corpo ocuparia melhor o lugar de objeto, porém, dentro da correção dialética, que é, neste caso, com um fundo ético-moral importante: não o lugar historicamente reconhecido em muitos momentos do corpo escarnecido, violentado, mas do objeto em sua dignidade, em sua prioridade material em relação ao espírito; não como anterioridade ontológica exata, mas com certa autonomia sem um correlato equivalente para o espírito. É uma aposta, para o corpo, a partir de caraterísticas que originalmente Adorno pensou para o conceito de objeto, culminando na sua tese do primado do objeto[5]. Portanto, um "primado do corpo" indicaria um corpo-objeto corrigido dialeticamente em sua relação histórica com o espírito e, por sua vez, dentro do assunto em questão aqui, essa alteridade assumida para o corpo, sua diferença-semelhança mimética como o espírito, colocaria o indivíduo na posição de sujeito, talvez menos no lugar do *ser* do que do *ter* esse corpo.

Penso que, nos tempos atuais, há um empuxo especial para ideia de que se *é* o corpo que se *tem*. Sobretudo em função dos avanços insondáveis de áreas e especialidades, como a genética, as neurociências, a fisiologia e as tecnologias de produção de imagens, sejam estas últimas aplicadas aos diagnósticos médicos ou a serviço do entretenimento virtual narcísico das redes sociais. É como observa o psicanalista Éric Laurent (2016), a respeito da medicina diagnóstica por imagem, e isso integra um contexto social mais amplo, que poderíamos indicar com sendo o "império das imagens"[6]. Não que em outras épocas as imagens e o próprio sentido da visão não mostrassem seu lugar decisivo na cultura europeia e ocidentalizada, mas nas últimas décadas temos em cada recôndito do cotidiano nas grandes cidades a marca da visão e das imagens: das câmeras de segurança por toda a parte, aos drones que nos sobrevoam com a uma frequência cada vez maior, à atualização tecnológica de outdoors e anúncios.

Trata-se, desde o século XIX, de uma sobreposição complexa que envolveu, até aqui, valores, crenças, técnicas e tecnologias. Da constatação benjaminiana da velocidade, dos "choques" e da fugacidade na vida das metrópoles, atualizada nas análises da "filosofia da sensação" de Christoph Türcke (2010), às imagens técnicas flusserianas; constatamos como uma das consequências da ascensão ao zênite social da profusão ilimitada da produção de imagens, efetivamente, uma espécie de "ontologização" do corporal. A lembrança e observação crítica de Türcke sobre certa atualização da máxima "Ser é ser percebido"[7] acompanha a colocação do corpo (e sua imagem) no centro da questão.

O sucesso do Instagram não é casual, se comparado ao Facebook, ele é muito menos textual, em sentido restrito. Centra-se nas imagens. A perda de espaço recente do texto convencional, como uma parte da história da comunicação e produção de conhecimento humano, evidente na prevalência do Twitter, na febre dos Podcasts, na dominância do Instagram, no sucesso do Tik Tok, articula-se ao centramento da imagem corporal. Não se trata, penso, somente de uma ampliação em novos media e maneiras de acesso à informação e a comunicação, o que é claro, possui suas vantagens[8], mas de uma agitação dos corpos que, além de demandar a produção de suas evidências a todo momento, marca a recusa à quietude e a certo "esquecimento" de um corpo que nos acompanha. Os corpos excessivamente

---

[4] Cf. BORGES, Thiago, F, de. *O primado do corpo a partir da filosofia de T. W. Adorno*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

[5] Cf. ADORNO, Theodor. W. Sobre sujeito e objeto. In: ADORNO, Theodor. W. *Palavras e sinais*: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

[6] Este foi, aliás, o tema do VII ENAPOL – Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana, simultâneo ao XIX Encontro Internacional do Campo Freudiano, ocorridos em setembro de 2015 na cidade de São Paulo.

[7] *Esse est percipi*, do teólogo anglicano do século XVIII, George Berkeley.

[8] Também não se trata de restringir a crítica à dimensão isolada do conteúdo nas redes e na internet como um todo é compreender mal a natureza do fenômeno na esfera social. As formas e estruturas não podem ser alijadas da reflexão, pois elas são determinantes ao funcionamento do aparato da vida virtual.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

tatuados, perfurados, lipoaspirados e preenchidos pululam nas redes até o paroxismo de um "Ken humano" ou de alguns casos do que se chama "Body art".

O tempo em que vivemos, dos corpos agitados e ontologizados, é, também, o de novos mal-estares, condizentes em muitos casos, com as formas atuais de identificação ao corpo próprio. É o corpo prevalecendo, talvez como nunca antes, no território do adoecimento mental, com os casos de Transtorno Obsessivo Compulsivo – TOC; Transtorno de Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade – TDAH, para ficarmos em dois exemplos. O terreno da subjetividade, com a psiquiatria atual, é emparelhado aos campos da imagem social do corpo, da imagem médica do adoecimento, da identidade genética, forense ou não, todos testemunhando a marcha contemporânea à "unidade do Ser" no corpóreo.

Curiosa circunstância essa da "unidade", pois para se unificar algo é preciso que existam previamente partes a serem unificadas. Identificar A com B, o psiquismo com uma parte e funcionamento cerebral, o prazer com determinada descarga hormonal, o amor por uma pessoa a determinadas conexões neuronais, pressupõe o alinhamento completo de registros discursivos e experienciais por vezes distintos na história. Talvez as novas formas de mal-estar que acometem o corpo indiquem algo dessa pretensão à unidade que não pode realizar-se em sua totalidade.

Ser o corpo que se *tem* não passa somente pelo viés da identificação do corpo ao organismo, mas também pela construção imagética de significações para a imagem corporal, mais ou menos articuladas com intervenções no próprio corpo. Intervenções essas, por sua vez, que usufruem em menor ou maior grau, conforme a intenção e as possibilidades, de recursos tecnológicos das ciências do organismo.

Considero que duas vozes poderosas concorrem, mas também se articulam na sedução cotidiana dos sujeitos com seus corpos. Vozes que dão o tom, em uma leitura psicanalítica, do tempo em que vivemos: (i) do casamento entre o discurso do capitalista e o discurso da ciência, escutamos os apelos à padronização, mesmo que às vezes travestidos de apostas na diversidade; (ii) por outro lado, há o discurso político (num sentido especial aqui) do "direito ao gozo" – direito a viver com o corpo de maneiras absolutamente singulares – trata-se de um discurso político porque, mesmo que o tenha apresentado sob um conceito psicanalítico (gozo)[9], ele incide de maneira prática em atos, manifestações, projetos que tensionam a vida social na luta por reconhecimentos, novos espaços e direitos. Posições individuais se mesclam a discursos padronizados e institucionalizados, nas conformações dos modos de ser, de sentir e de agir em cada momento da história, em cada espaço social.

Acredito que, a respeito das tendências contemporâneas de identificação ao corpo, estejamos ainda experimentando e avaliando algumas consequências novas, sem, contudo, que isso signifique de imediato que caminhamos em direção a algo necessariamente melhor. Mesmo porque, uma nova tendência, pode significar apenas mais uma tentativa (similar ou idêntica às anteriores) de lidar com problemas que persistem no tempo. Vejo as narrativas mercadológicas que buscam uma hegemonia de determinados padrões, muitas vezes bem adaptadas às exigências de fala dos "sujeitos" e suas particularidades. No campo democrático dos usos diversos do corpo, encontrar-se-á inclinações atuais a homogeneizações imagéticas, simbólicas, incluindo aquelas sobre a identificação do corpo ao organismo e do sujeito com esse corpo orgânico. Este quadro por si merece estudo e reflexão.

---

[9] Lembro que, em psicanálise, gozo e prazer são conceitos distintos. O gozo diz respeito fundamentalmente ao corpo, embora não seja compreendido somente pelo viés do registro corporal. Isso implica que não se vive sem o gozo (posto que não se vive sem um corpo), dele não podemos abrir mão por completo, embora possamos colocar em questão uma determinada experiência de gozo. Ver. LACAN, Jacques. *O seminário: livro 20 mais, ainda*. Texto estabelecido por J-A Miller. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 e, MILLER, Jacques-Alain. *Elementos de Biologia Lacaniana*. Tradução de Yolanda Vilela. Belo Horizonte: EBP-MG, 1999.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em alguma medida, a dinâmica representacional e discursiva na história da EF acompanhou aquela ambivalência entre ser e ter um corpo que, avaliando de um ponto de vista crítico, guardou até aqui, mesmo que por vezes sem a consciência disso, certo potencial preventivo, reflexivo, contra identificações mais rígidas e potencialmente mais abrangentes, que sempre estiveram à espreita e parecem mais em curso nos últimos anos. Os problemas extrapolam o campo pedagógico e tendem, talvez, a se concentrar na esfera da saúde e na política, o que deveria ampliar nossa preocupação e atenção aos fenômenos contemporâneos.

Por outro lado, penso que essa mesma ambivalência entre ser e ter não se alinhou por completo à divisão política e epistêmica do campo da EF no Brasil, posto que ela (a questão do ser e ou do ter) se localiza no fundo daquela divisão instaurada nos tempos de redemocratização entre os apologetas do esporte abstrato (positivo em si) e do corpo funcional e fisiológico por um lado e, por outro, os adeptos das pedagogias críticas a partir das CH. Assim, tanto um grupo quanto o outro sustentou por seus próprios meios e narrativas, significações próprias para ser e ter um corpo.

Considerando o momento de concluir, se chamei a atenção especialmente para o empuxo à identificação ao organismo e sua fisiologia, é preciso atenção aos sinais, na minha opinião, como disse, especialmente para a saúde e a experiência política.

Recordo de um texto de Alex B. Fraga (2001), naquilo que ele oportunamente aponta sobre certa euforia com as "novas anatomias" paradoxalmente acompanhadas de um "bug muscular" (sobre a virada do século XX para o século XXI), que marca, dentre outras coisas, nos termos destas reflexões, a conjunção entre o gozo narcísico da imagem corporal (em sua unidade) e as tecnologias biológicas de intervenção e transformação dos corpos.

No que concerne ao corpo e suas práticas no Ocidente, o início do século XXI desenvolveu e divulgou novas perspectivas e técnicas com um substrato que ainda guardara aproximações com ideias ou ideais de cem anos atrás.

> De um modo mais sutil, inovações tecnológicas e avanços científicos penetram nos corpos e nos modos de vida dos sujeitos em diferentes épocas. O surgimento da microbiologia, da robótica e da genética tornaram mais plausíveis as promessas de um corpo fisiologicamente perfeito, feitas pela higiene e a eugenia no início do século XX. (FRAGA, 2001, p.62)

A questão não deve ser pautar-se por um "novo" somente orientado pela noção de ruptura. O fundamental é analisar as rupturas e continuidades naquilo que elas orientam a vida no sentido da compreensão e da fundamentação, mesmo que sempre parcial, de nossas decisões e ações no presente. Fraga nos mostra, por exemplo, como alguns dos "condenados pela aparência" de ontem são os mesmos de hoje, porém, submetidos a um regime de valoração social que, na atualidade, é introvertido como inversão da condenação de outrora: o que foi aberração no passado é visto modelo no presente, que, por seu turno, se faz como exigência subjetiva, muitas vezes orientadora, de sacrifícios e riscos para a saúde do indivíduo.

> Há alguns anos, o corpo hipermusculoso vem ocupando outros espaços, além das academias de musculação. (...). Porém, essa incorporação do músculo na sociedade contemporânea não se deu sem padecimento. A robustez muscular, antes de ser vista como uma dádiva ante a fraqueza orgânica e moral, foi tratada como aberração humana potencialmente perigosa à constituição física geral – um mostrengo que deveria ficar restrito às feiras de excentricidades humanas, comuns no final do século XIX." (FRAGA, 2001, p.69)

Se se atualiza de fato a euforia do século XIX sobre o organismo no ritmo da microbiologia, das neurociências, da genética etc., carreando a ideia de um sistema complexo expresso na imagem da unidade corporal[10], isso se dá em parceira com a fragmentação epistêmica e discursiva sobre o corpo orgânico de

[10] A questão sobre a unidade x fragmentação corporal constitui um dos pontos centrais dos meus estudos e pesquisas atuais.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

maneira impressionante. Diria que se busca com frequência hoje uma "realização", enquanto intenção, do prognóstico freudiano de que "a anatomia é o destino"[11]. Por conta e risco, em uma interpretação pessoal, retiro aqui a famosa frase de seu contexto psicanalítico em Freud e mais ainda de sua compreensão lacaniana posterior para ilustrar uma situação mais geral. Pois, pode-se dizer, acompanhando Jacques-Alain Miller na recapitulação da questão freudiana por Lacan, que se trata menos de um destino do que talvez de um momento corpóreo onde o sujeito e sua produção psíquica não se encontram estagnados. Algo resiste e escapa à determinação do Ser na anatomia, à derradeira identificação ao organismo, como índice do humano, ou ainda, como disse Marcus André Vieira (2020, p.1), "a anatomia é decisiva, mas nada essencial, natural". Miller dirá então que,

> Não é ao corpo anatômico que Freud remete para tentar explicar a diferença subjetiva da sexuação. Aliás, a anatomia não determina nem mesmo a histeria, pois como Lacan observa em "Televisão", a conversão histérica não obedece à partilha anatômica [...]. Ao lado do corpo anatômico, seria possível colocar em questão o corpo vivo, distingui-lo dele. Sobre o corpo vivo, na medida em que ele fala e que a palavra condiciona seu gozo, talvez fosse possível dizer que ele faz o destino. (MILLER, 2011, p.4)

Nesse sentido, frente a ode contemporânea de ser um corpo/anatomia, penso agora, a partir do registro psicanalítico, noutra direção. Pois ser, em alguma medida, é antecipar perigosamente o momento derradeiro, o limiar da finitude em cada situação em que a morte do organismo atualiza a impossibilidade e o real. Como afirmou a psicanalista Sandra Espinha (2013), o corpo é posterior em relação ao organismo. Trata-se, na minha opinião, de uma observação que indica, basicamente, e sem poder me aprofundar, que sempre se faz um corpo e dele se toma posse. Ser "segundo", posterior, não significa uma cronologia pré-dialética, mas, sobretudo, diz respeito às implicações inevitáveis para o sujeito, a partir do contato e entrelaçamento também inevitáveis entre corpo e linguagem que, por seu turno, se fazem em cada experiência social com um núcleo de singularidade irredutível.

Se não é prudente operar uma transposição direta entre a teoria e os marcadores clínicos para uma análise sociológica, é possível e, quem sabe, frutífero, averiguar em que medida uma determinada teorização clínica contribui na abertura de novos pontos de consideração para a reflexão e análise em outros campos, tendo em vista, por exemplo, a própria caracterização básica da Sociologia no par, "indivíduo e sociedade".

Refletir criticamente a dominação técnica da natureza enquanto posição que garantiu não somente as benesses do progresso nas sociedades, mas também, em parte, suas barbáries e regressões, significa, atualmente, dentro do tema aqui discutido, problematizar as relações com os corpos, e, dentre elas, o empuxo à identificação ao organismo (mediado pelos discursos da ciência e do capital).

Assim, gostaria de pensar a possibilidade de se ter um corpo, mas como alteridade que persiste. Como circunstância inarredável que exige um "saber fazer" além ou aquém da fórmula da dominação e do controle constantes. É uma opção que vislumbra um freio sobre a marcha de dominação e violência e ao mesmo tempo um avançar no espaço da tolerância e da colaboração solidárias e esclarecidas; solidárias na companhia das ciências e esclarecidas de nossos limites e equívocos com relação aos nossos corpos e aos das(os) outras(os). Pois o corpo, tendo a vê-lo como um outro que não se reduz por completo às diversas determinações apreensíveis de nosso conhecimento, mas deixa em aberto um quantum de indeterminação irredutível. Nesse terreno, os sujeitos são convocados a sustentar algo de sua singularidade na relação com seus corpos em sentido rigoroso. Ao invés de um obsessivo dominar e controlar, dosar ou elevar numericamente, um "saber fazer com"; com aquilo que também não se apreende, onde cada um tem que se implicar, insisto, de modo singular. Poderia uma consideração como essa ajudar professoras e professores de EF em seu cotidiano de trabalho?

---

[11] Cf. FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume. XI*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970. FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume. XIX*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

Deixo então, para fomentar a contínua reflexão crítica, uma formulação lacaniana de Laurent, diante dessa torrente em direção a uma ontologização do corpo, seja o ponto decisivo o organismo biológico e suas funções ou a imagem cultural de uma identidade coletiva e individual; nesses tempos de turbulências biológicas e políticas assustadoras: *ter* um corpo, sempre; e nunca *ser* esse corpo, em parte alguma.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor, W. Sobre sujeito e objeto. In: ADORNO, Theodor, W. *Palavras e sinais*: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor, W. *Introdução à Sociologia*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Unesp, 2008.

ADORNO, Theodor, W. *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro*: esporte, televisão e educação física. Campinas: papiros, 1998.

BORGES, Thiago, F. de. *O primado do corpo a partir da filosofia de T. W. Adorno*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

BRACHT, Valter. *Educação Física e Ciência*: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Unijuí, 1999.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte*: uma introdução. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRACHT, Valter. Corporeidade, Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: NÓBREGA, Terezinha, P, de. (org.). *Epistemologia, Saberes e Práticas da Educação Física.* João Pessoa: Editora Universitária, 2006, p. 97-106.

BRACHT, V. CAPARROZ, Francisco. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. In: *Revista brasileira de ciências do esporte*. Campinas, v.28, n.2, p.21-37, janeiro, 2007.

CAMPOS, Sérgio, de. Os efeitos da ciência sobre o corpo. In: Revista Curinga: *psicanálise e ciência*. EBP-MG, n.37, p.67-82, jul-dez, 2013.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: papiros, 1995.

DAOLIO, Jocimar. *Educação Física e o conceito de cultura*. Campinas: Autores Associados, 2004.

ESPINHA, Sandra. O que é que tem um corpo e não existe? In: Opção lacaniana: *o Outro sem o Outro*. N.76, dezembro 2013, p.37-48.

FLEIG, Mário. O mal-estar no corpo. In: KEIL, Ivete. TIBURI, Márcia. (org.) *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004, p. 133-142.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*: vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

FRAGA, Alex, B. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen. L. (org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001, p.61-78.

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas volume 12*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.13-50.

FREUD, Sigmund. "Psicanálise" e teoria da libido. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas volume 15*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a, p.273-308.

FREUD, Sigmund. Neurose e Psicose. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas volume 16*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b, p.176-183.

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume XI*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, p. 106-115.

FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume. XIX*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 217-226.

HORKHEIMER, Max. ADORNO, Theodor, W. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985.

HORKHEIMER, Max. Means and Ends. In: HORKHEIMER, Max. *Eclipse of Reason*. London; New York: Continuum, 2004, p.3-40.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2004.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 20 mais, ainda*. Texto estabelecido por J-A Miller. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAURENT, Éric. *O avesso da biopolítica*: uma escrita para o gozo. Tradução de Sérgio Laia et. al. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.

LINHALES, Meily, A. *A escola e o esporte*: uma história de práticas culturais. São Paulo: Cortez, 2009.

MILLER, Jacques-Alain. *Elementos de Biologia Lacaniana*. Tradução de Yolanda Vilela. Belo Horizonte: EBP-MG, 1999.

MILLER, Jacques-Alain. Intuições milanesas II. In: *Opção lacaniana on-line*, ano 2, n.6, novembro de 2011.

SILVA, Ana Márcia. Corpo e Epistemologia: algumas questões em torno da dualidade entre o social e o biológico. In: NÓBREGA, Terezinha, P, de. (org.). *Epistemologia, Saberes e Práticas da Educação Física*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006, p.75-96.

SOARES, Carmen. L. (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada*: filosofia da sensação. Tradução de Antônio A. S. Zuin. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6506

VAZ, Alexandre, F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: *Cadernos Cedes*, ano XIX, n.48, ago/99.

VIEIRA, Marcus, A. *A anatomia e seus destinos*. Disponível em: https://www.ebp.org.br/a-anatomia-e-seus-destinos/acesso em 29/10/21.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.